

REDES SOCIAIS: AS RELAÇÕES NO CENÁRIO PÓS-MODERNO

SOCIAL NETWORKS: RELATIONSHIPS IN THE POST-MODERN SCENARIO

DHENNIFER RAFAELA PEREIRA. Aluna do curso de graduação em Psicologia da UNINGÁ.

FLÁVIO AUGUSTO FERREIRA DE OLIVEIRA. Doutorando em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá. Professor Mestre do Curso de Psicologia da UNINGÁ.

Rua Osvaldo Cruz, 263, Zona 7, Maringá-PR CEP 87020-200. E-mail: dhennifer.r.p@hotmail.com

RESUMO

Este artigo visa compreender as novas formas de comunicação, relacionamento e informatização verificados na sociedade atual por meio das chamadas redes sociais. Discute aquilo que Lyotard denomina de “pós-modernidade”, bem como a sociedade na era da informação e da comunicação, a qual atua em constante esforço para informatizar seus membros, trazendo como marca distintiva uma nova forma de relação – em rede –, que possibilita ao indivíduo interagir com o outro instantânea e simultaneamente, como se estivessem no mesmo local. Por fim, abarca algumas consequências negativas desse processo, como a fragilidade dos vínculos neste novo cenário, sua flexibilidade e, por consequência, a efemeridade nas relações.

Palavras-chave: Psicologia. Pós-modernidade. Relações sociais.

ABSTRACT

This study aims to comprehend the new forms of communication, relationship and computerization verified in the modern society via social media. It discusses “post-modernity” as per defined by Lyotard, as well as the society in the era of information and communication which acts arduously to inform its members, creating a new distinct form of relationship – networked – that allows one to interact with others instantly and simultaneously, as if they were at the same place. Some negative consequences from this process is also demonstrated in this study, such as the bonds vulnerability in this new scenario, its flexibility and, consequently, the decay in such relationships.

Keywords: Psychology. Post-modernity. Society relationship.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos hoje aquilo que Lyotard (1988) denominou de “pós-moderno”. Segundo o autor, a sociedade “pós-moderna” apresenta como marca fundamental a informação em um ritmo acelerado, não que a sociedade passada (se é que ela já passou), posterior à Idade Média e caracterizada por Lyotard (1998) como “moderna”, não dispusesse de informações e tecnologias. Porém, a atual, possui uma capacidade jamais antes vista de acumular e repassar, em

curtíssimo espaço de tempo, as informações produzidas, a partir das novas tecnologias da informação e da comunicação.

A medida que a sociedade se desenvolve, o ser humano, como ser atuante e transformador da mesma, também avança, tendo em vista que, segundo Leontiev (1978, p. 284), “cada geração começa, portanto, a sua vida num mundo de objetos e de fenômenos criados pelas gerações precedentes”. O autor explica que os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens, fazendo com que seu conhecimento do mundo circundante e de si mesmos se enriqueça, permitindo a evolução da ciência e da arte. É nesse sentido que evoluíram as formas de se comunicar e relacionar.

Como afirma Castells (2005), com a invenção da Internet, que veio a tomar proporções mundiais depois de sua privatização, por volta de 1980, o ser humano passa a se ver diante de um cenário de mensagens traduzidas por máquinas e movido pela cibernética. De acordo com o autor, o número de usuários da rede “superou trezentos milhões no ano 2000, comparados aos menos de vinte milhões em 1996” (CASTELLS, 2005, p. 44). Pouco mais tarde, apenas quinze anos depois, segundo uma estimativa feita pela Internet Governance Forum – IGF (2015), aproximadamente 3 bilhões de usuários já estavam conectados. Ou seja, desde a sua privatização até o contexto atual, a rede (internet) atingiu praticamente a metade da população mundial.

Disso depreende-se que, na “pós-modernidade”, a capacidade do ser humano em se comunicar tem se ampliado vertiginosamente, de modo que, para Levy (1999), não apenas a forma de se comunicar, mas o universo de informações, novos pensamentos, valores e cultura também têm aumentado. O ser humano tem, então, conforme afirma Alvarenga et al. (2008), a possibilidade de ampliar a sua rede de contatos, criar amizades virtuais e novas formas de se comunicar com o outro, por meio dos relacionamentos em rede, os quais Bauman (2004) classifica como os que mais as pessoas têm dado preferência diante da informatização da vida.

Dessa maneira, com qualquer dispositivo que permita o acesso à internet, como computadores, smartphones, entre outros, as novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) dão ao ser humano a possibilidade de se conectar a um conjunto de opções intelectuais, culturais, de trabalho, entretenimento etc., impossíveis em qualquer outra época histórica.

É por isso que este artigo busca investigar este novo contexto social e humano tratado por Lyotard (1988) e Castells (2005) como informático, informacional e movido por transformações radicais provenientes da revolução tecnológica sobre a dinâmica socioeconômica mundial, levando o homem a se adaptar psiquicamente à nova realidade dos modos de produção do capital e, conseqüentemente, a produzir novas formas de relações sociais.

2 MATERIAIS E MÉTODOS

Esta é uma pesquisa bibliográfica, a qual, segundo Gil (2002, p. 44-45) se desenvolve a partir de livros, revistas especializadas, artigos científicos, dissertações de Mestrado, teses de Doutorado, dentre outros materiais já

publicados, tendo como principal vantagem o fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente, *in loco*.

Já para Lakatos e Marconi (2003, p. 44), a pesquisa bibliográfica compreende oito aspectos: “a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação”. Este, portanto, é o método empregado no recolhimento de informações e na sistematização teórica desta pesquisa.

Segundo os autores, é necessário pesquisar profundamente cada informação, para que, no caso de as fontes pesquisadas conterem dados equivocados, o pesquisador não as reproduzir em sua pesquisa, bem como para ser o mais fidedigno possível às informações selecionadas.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Sociedade e tecnologia

A sociedade atual tem retratado uma nova forma de se comunicar e se relacionar, caracterizada por uma constante fluidez. Para Bauman (2001), o contexto atual se transforma com extrema facilidade. Já para Lyotard (1988), estamos vivenciando atualmente um momento histórico chamado “pós-moderno”. Mas, o que seria o pós-moderno?

Para compreender este conceito, o qual ainda desperta muitas controvérsias entre os pesquisadores, é necessário, antes de tudo, compreender o significado de “moderno”, que seriam os princípios que passaram a reger a sociedade e que decretaram o fim da Idade Média. O período moderno, segundo Lyotard (1988), surgiu com o Renascimento e, posteriormente, foi marcado pela Revolução Industrial, o predomínio da razão e a sociedade entendida como organismo. Os séculos que o datam vão, aproximadamente, do XVI até meados do século XX, mas há autores que afirmam que a modernidade ainda não foi superada, havendo, na verdade, um “hipermodernismo” ou uma nova etapa do desenvolvimento do Capitalismo, a qual não exclui os princípios modernos, mas apenas os reafirma sob uma nova roupagem.

De qualquer forma, para Lyotard (1988), a modernidade foi marcada pela mudança, entretanto, uma mudança lenta, seja no campo da produção, da tecnologia ou no âmbito social. Neste período, a sociedade seguia rumo à tecnologia da informação e, como constata Leandro (2008, p. 158):

A modernidade é fruto de uma longa gestação, num processo cuja primeira fase desdobrou-se entre os séculos XVI a XVIII, período das grandes navegações, da descoberta do Novo Mundo, do renascimento cultural e da Reforma Protestante, primeiro estímulo ao individualismo. O Iluminismo inaugurou [no século XVIII] a segunda etapa da modernidade, caracterizada pela universalização da razão e pelo primado do indivíduo e de sua liberdade.

Já no século XIX, o desenvolvimento industrial fez com que a produção de mercadorias e o consumo expandissem exponencialmente, abrindo espaço

para um desenvolvimento tecnológico e produtivo cada vez maior. Isso possibilitou que o século XX experimentasse a criação de tecnologias cada vez mais inovadoras, em função dos lucros gerados aos proprietários desses meios de produção e dos benefícios trazidos por esses produtos à vida do público consumidor, desde automóveis e eletrodomésticos até aparelhos no ramo da informática e da comunicação.

Na década de 1940, por exemplo, pôde-se observar um grande passo rumo à tecnologia da informação, passo esse dado pelos norte-americanos, que criaram o “primeiro computador programável e transmissor, fonte da microeletrônica, [e] o verdadeiro cerne da revolução da tecnologia da informação no século XX” (CASTELLS, 2005, p. 76). Além disso, o financiamento militar desempenhou um importante papel nesta criação, já que este período não foi marcado apenas pelo primeiro computador, mas também pela Segunda Guerra Mundial.

Em seguida, na década de 1950, a sociedade deixa de ser vista como um organismo vivo e passa a ser encarada como um sistema, que segundo Parsons (apud LYOTARD, 1988) era favorecido pela cibernética. Desse modo, para Lyotard (1988), transcendendo a modernidade, surge o que ele denomina de “pós-modernidade”, marcada por um cenário de mensagens traduzidas por máquinas, quantidade acumulada de informação e um ambiente cibernético atuando em constante esforço para a informatização da sociedade.

Segundo Castells (2005), em 1960, a Agência de Projetos de Pesquisa Avançada (ARPA), do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, cria a rede que forneceria as bases para comunicação global, a *Arpanet*, a “rede das redes”, que veio a se chamar *Arpa-Internet* e, posteriormente, *Internet*. Esta foi a primeira rede operacional de computadores, composta por milhares de redes com inúmeras conexões e computadores autônomos. Tal sistema podia transmitir mensagens que seguiam por qualquer ponto da rede, independente de um centro de controle, ou seja, uma rede descentralizada. Assim, a sociedade passou a ter potencial para produzir informação em grande escala, sendo este o alicerce para a comunicação em escala planetária.

Para Lyotard (1988), a cibernética, o desenvolvimento da tecnologia, o rompimento com o “moderno”, marcam, então, o mundo “pós-moderno”, que se apresenta em um cenário traduzido por máquinas altamente tecnológicas, capazes de se comunicar entre si e a grandes distâncias. Em um ritmo acelerado, as tecnologias da informação e da comunicação logo tomam proporções mundiais. No ano de 1995, por exemplo, a internet é privatizada e deixa de ser uma exclusividade militar. De acordo com Spizzirri (2008, p. 19), assim foi:

[...] aprovada, nos Estados Unidos, pelo Federal Networking Council, a resolução que definiu o termo ‘internet’. O nome foi criado pelos membros da rede Word Wide Web (WWW), juntamente com as comunidades que possuíam os direitos de propriedade intelectual. O termo refere-se ao sistema de informação global, ligado através de um endereço, que utiliza o *Internet Protocol* (IP).

Conforme explica Castells (2005), foi com o *Word Wide Web* (WWW) que se deu início à difusão da internet na sociedade geral. Logo, a internet foi abraçada por todo o globo, criando uma teia mundial. No entanto, em 1999, Castells já previa que, nas próximas décadas, segundo dados do *Internet Governance Forum* (IGF), o uso da rede (Internet) teria um grande avanço em termos de número de usuários. Por outro lado, e numa escala ainda maior, bilhões de pessoas permaneceriam desconectadas, o que de fato tem acontecido, sendo hoje chamado de analfabetismo ou exclusão digital, atingindo mais da metade da população mundial. Nessa mesma perspectiva, Levy (1999, p. 12) afirma que o crescimento do ciberespaço serviria “apenas para aumentar ainda mais o abismo entre os bem-nascidos e os excluídos”, algo que também se pode constatar na atualidade.

Diante deste novo cenário, a tecnologia ganha cada vez mais espaço e se naturaliza como se fosse algo inerente ao ser humano, e não uma criação (SPIZZIRRI, 2008). Todavia, é necessário lembrar que, como qualquer outra criação humana, ela é fruto de transformações sociais e históricas, bem como de condições materiais que conduziram a esta necessidade, sendo, portanto, um meio para se alcançar determinados objetivos, e não um fim em si mesmo, produzindo desde avanços incríveis em diversos segmentos sociais, como, também, consequências absolutamente desastrosas em outros. É por este motivo que as novas tecnologias da informação e da comunicação necessitam ser examinadas com mais profundidade, especialmente as redes sociais. É o que buscaremos fazer na sequência.

3.2 Rede Social: antiga ou atual?

Uma definição bastante interessante acerca das redes sociais encontra-se em Recuero (apud AVORIO; SPYER, 2015, p. 83). Para a autora “Rede social é gente, é interação, é troca social”. Apesar de parecer um termo recente, por estar atrelado à ideia de rede, conexão ou internet, não é novo, tampouco recente. Conforme Recuero (2009), foi com a internet que o conceito ganhou visibilidade, tendo surgido há mais de dois séculos nos estudos do matemático Leonhard Euler (1707-1783). Desde então, como afirmam Pereira et al. (2011), este conceito vem sendo utilizado para nomear as relações entre os elementos de um sistema social, como um grupo de pessoas reunidas em uma comunidade, por exemplo.

Na verdade, pode-se dizer que as redes sociais fazem parte da vida humana desde seus primórdios, pois, de acordo com Leontiev (1978), é com a interação social, com a troca social, que o ser humano constrói sua realidade, produz sua cultura, se desenvolve e se humaniza.

Dessa maneira, pode-se considerar que as redes sociais são fenômenos humanos antigos, porém, revestidos de uma nova roupagem na sociedade atual, lançando mão de tecnologias digitais da informação e da comunicação absolutamente diferenciadas historicamente. O fato é que tais fenômenos sofreram mudanças tão drásticas, em função principalmente da internet e dos aparelhos utilizados, que parecem constituir relações absolutamente novas na humanidade. Contudo, as redes sociais não são uma novidade da civilização; a

novidade está apenas nas ferramentas utilizadas para tal, na velocidade da comunicação e na ampliação do contato entre os seres humanos.

Para Craviée (2012), com esta ampliação, é possível uma nova forma de se relacionar, na qual um indivíduo interage simultaneamente com outros como se estivessem na mesma realidade, no mesmo local. Levy (1999) afirma que esta forma recente de se comunicar, a partir da rede ou do ciberespaço, faz com que a sociedade entre em contato com um universo de informações materiais e intelectuais, formas de pensamento, valores e cultura sem as quais jamais teria acesso. Já Alvarenga et al. (2008) explicam que nesses ambientes há sempre a possibilidade de se ampliar a rede de contatos, criar amizades virtuais e se comunicar, de modo que Cabestré et al. (2013) sustentam que as redes sociais se tornaram verdadeiras extensões dos relacionamentos.

Para Santos e Santos (2014, p. 4):

A internet, através das tecnologias da informação e comunicação (computador, celulares, *smartphones*, *tablets*), enquanto possibilidade de comunicação e informação está modificando a maneira como as pessoas se relacionam [...] e se comunicam.

Tal comunicação (via internet) pode ser feita mediante diversos sites, como, por exemplo, “redes de relacionamentos (Facebook, Orkut, Myspace, Twitter, Tymr), redes profissionais (LinkedIn), redes comunitárias (redes sociais em bairros ou cidades), [...] dentre outras” (CAPRA, 2008 apud BERNARDO; GOULART, 2011, p. 4). Esses espaços permitem aos indivíduos conhecerem outras pessoas e ampliarem sua rede de comunicação, levando as redes sociais a fazerem parte da vida cotidiana e cultural.

Portanto, observa-se que o uso das novas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), as quais compreendem qualquer instrumento que faça uso da internet, como computadores, tablets, smartphones, dentre outros, se apresenta como essencial à sociedade “pós-moderna” e, mais que isso, a caracteriza. Tal sociedade, de acordo com Castells (2005), já não mais se representa ou sequer se entende sem suas ferramentas tecnológicas, o que nos leva à necessidade de explorar as consequências dessa realidade na vida relacional.

4 DISCUSSÃO

4.1 Os relacionamentos no contexto tecnológico e virtual

Segundo Lyotard (1988), o cenário atual “pós-moderno” traz como marca distintiva as tecnologias da informação e da comunicação construídas e utilizadas pelos indivíduos. Essas são manipuladas principalmente por aqueles que nasceram depois da metade dos anos 1980, a chamada geração “z”, bem como por membros das gerações anteriores, os quais se atualizaram para não “ficarem para trás”. Segundo Freire Filho e Lemos (2008), tais indivíduos se adaptaram a uma sociedade que não mais se percebe sem seus aparatos tecnológicos, como a internet, os microcomputadores, celulares etc.

Diante disso, pode-se dizer que tais mudanças não se restringem apenas às formas de se comunicar ou de informatização, mas até mesmo as formas de se relacionar transformaram-se. Bauman (2004) afirma que a sociedade tem dado cada vez mais preferência às relações em rede. No entanto, isso não significa dizer que as pessoas deixaram de interagir socialmente, pois, segundo Putnam (2002, apud MATOS, 2008), a comunicação mediada por computador acaba complementando, e não substituindo as comunidades face a face.

Bauman (2004) também aborda a fragilidade dos vínculos neste contexto, sua flexibilidade e transformação extremamente rápida, tendo, por consequência, relações absolutamente efêmeras e passageiras. Na visão do autor, vivemos um período em que as relações humanas têm se tornado mais flexíveis, daí a preferência pela rede, pois é fácil conectar e desconectar.

Na “rede”, os indivíduos escolhem com quem querem ou não se relacionar. Quando não querem, basta que se aperte um simples botão e “pronto”, o vínculo está desfeito. Para o autor, as relações virtuais foram elaboradas sob medida para este cenário; um cenário fluido, em constante movimento e transformação, no qual os vínculos têm se tornado cada vez mais frágeis, de modo que não se tolera mais o que dura (BAUMAN, 2001).

Segundo Bauman (2008), a fragilidade dos vínculos está diretamente ligada à realidade de consumo, ou melhor, à sociedade de consumo, que é com frequência representada pela relação entre consumidor (sujeito) e a mercadoria (objeto): há um encontro entre sujeito e objeto, em que o sujeito sai da contemplação do objeto e passa para a atividade, examinando-o, comparando-o, para, então, apropriar-se dele, usá-lo e/ou descartá-lo.

Para o autor, “a característica mais proeminente da sociedade de consumidores – ainda que cuidadosamente disfarçada e encoberta – é a transformação dos consumidores em mercadorias”. Sair da invisibilidade é o que estimula o consumidor a estar na vitrine (telas de notebooks, celulares, tablets, televisão etc.) e captar o olhar de outros consumidores. Isso faz com que o indivíduo passe a ser visto, notado, comentado, se portando, assim, como um produto, desejado, tornando-se um objeto. De acordo com Bauman (2008, p. 20-21), “na sociedade do consumo a invisibilidade é a morte”.

Portanto, a mercadoria é posta à venda para ser consumida, se consome para a satisfação de um desejo e, quando não corresponde ao mesmo, pode ser trocada ou descartada. Desta maneira, o consumidor pode lidar com a frustração substituindo ou descartando o produto. Para o autor, o mesmo acontece com os relacionamentos, pois uma vez que uma relação não traz satisfação ou apresenta qualquer sinal de dificuldade, pode ser rapidamente substituída, assim como um objeto de consumo.

Poncio (2016, p. 123) também defende que, na atualidade, além dos relacionamentos em rede, os indivíduos têm “valorizado cada vez mais as relações estabelecidas entre objetos. Isso porque, os objetos mostram-se mais capazes de trazer a felicidade buscada, são a materialização dela”. Para Bauman (2008), as mercadorias são silenciosas, práticas e, com o manual, são facilmente desvendáveis, acima de tudo, não exigem reciprocidade.

Por esses motivos, os relacionamentos sociais têm apresentado vínculos cada vez mais fragilizados, sejam eles amorosos, familiares, institucionais, coletivos, de amizade e, em especial, os virtuais, os quais têm se mostrado como

modelos para os demais, dominando as chamadas “redes sociais” e ocupando o tempo dos indivíduos, influenciando principalmente as gerações mais jovens a se portarem cada vez mais como objetos, conforme citado acima, prestando um culto à individualidade e fazendo jus ao fetiche da mercadoria, retratados por Marx (1818-1883) há mais de um século e meio.

Por outro lado, para finalizar, Spizzirri (2008) destaca que, no mundo virtual, há sim laços frágeis, mas também há satisfação, felicidade e sucesso. Isso nos alerta quanto ao fato de a realidade ser dialética, estar em constante movimento e transformação, gerando tanto relações alienadas em si mesmas quanto as possibilidades de superação desses impasses.

5 CONCLUSÃO

Pode-se concluir, levando-se em conta o contexto da “pós-modernidade”, que não apenas as formas de se comunicar e se relacionar mudaram na sociedade atual, mas também as próprias formas de se viver, a partir do uso das mais modernas ferramentas tecnológicas, as quais atingiram o patamar de bens de consumo ou de bens comuns.

Desde o rompimento com o moderno, assunto que ainda gera muitas polêmicas entre diversos autores, a sociedade passou por inúmeras transformações, começando por mudanças lentas no início da era moderna, até as mudanças extremamente rápidas, dinâmicas e efêmeras no período “pós-moderno”. Com a rede (internet), a sociedade passou a se ver frente a um universo de informações em grande quantidade, levando os indivíduos a poderem se comunicar por meio dela com outras pessoas como se estivessem na mesma realidade, dando início a uma “era virtual”. Isso produziu (e ainda tem produzido) impactos severos, tanto positivos quanto negativos, na psique humana, na nossa personalidade, consciência, comportamento e subjetividade.

Do mesmo modo, as relações sociais têm experimentado as consequências desse processo, o qual tem gerado relacionamentos extremamente flexíveis e fluidos, semelhantes aos encontrados nas relações de consumo (consumidor e mercadoria) e nas chamadas “redes sociais” (pela internet).

Podem-se observar mudanças nas formas de se relacionar, fazendo com que o individual seja evidenciado em detrimento do coletivo. Os vínculos são facilmente feitos e desfeitos, são passageiros, pouco duráveis. Assim como um produto, as relações são substituíveis, sendo este um reflexo da sociedade de consumo e da sociedade em rede, na qual consumidor vira produto e em que a “rede social” de fato existe muito mais para a exaltação do “eu” frente aos “outros” do que propriamente do “coletivo” em relação a “mim”.

É por isso que, diante de um cenário tão preocupante e cheio de incertezas, mas também, composto de inúmeras possibilidades e sucessos, cumpre a nós, enquanto sociedade, encontrarmos as respostas e as melhores formas de utilização das novas tecnologias, para que elas nos sirvam como meio de engrandecimento, satisfação e emancipação humana, e não como instrumentos do nosso aprisionamento, individualismo e fragilização.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, L. et al. Internet: isolamento social dos jovens ou uma alternativa para a transformação social? In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 5., 2009, Guarapuava-PR. **Anais**. Disponível em: <http://www.uniceb.org/ntro.br/redemc/2009/38%20internet_pirolo_fortes_dalmas_pires_guariba_silva_pirolo_santos_alvarenga_duarte_avila_costa%20OK.pdf>. Acesso em: 4 nov. 2017.

AVORIO, A.; SPYER, J. **Para entender a Internet**. 2015. Disponível em: <<http://paraentender.com/sites/paraentender.com/static/pdf/livro.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

BERNARDO, D. S.; GOULART, E. E. **Sub-projeto de pesquisa: evolução na Comunicação: estudos nas Redes Sociais**. 2011. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2011.

CASTELLS, M. **A Sociedade em Rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005. v. 1.

CRAVIÉE, M. V. Ciberespaço e o espaço para a identidade. **Temática**, João Pessoa, v. 8, n. 9, set. 2012.

FILHO, J. F.; LEMOS, J. F. Imperativos de conduta juvenil no século XXI: a “Geração Digital” na mídia impressa brasileira. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 5, n. 13, p. 11-25, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

IGF, Internet Governance Forum. **IGF Policy Options for Connecting the Next Billion**. 2015. Disponível em: <<http://www.intgovforum.org/cms/IGF%20Policy%20Options%20for%20Connecting%20the%20Next%20Billion%20Compilation.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LEANDRO, J. B. Comunidade: uma reflexão a partir de Zigmunt Bauman. **Kairós: Revista Acadêmica da Prainha**, Fortaleza, v. 5, n. 1, p. 156-162, jan./jun. 2008.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LYOTARD, J. **O pós-moderno**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1988.

MATOS, H. H. G. Capital social, Internet e TV: controvérsias. **Revista Brasileira de Comunicação Organizacional e Relações Públicas**, São Paulo, v. 5, n. 8, p. 23-35, 2008.

PONCIO, A. G. R. Sociedade de consumo: a dissolução dos vínculos sociais e a dificuldade de encontrar um direito de todos na sociedade moderna. **Revista de Teorias da Democracia e Direitos Políticos**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 117-134, 2016.

PEREIRA, S.; PEREIRA, L.; PINTO, M. **Internet e rede sociais: tudo o que vem à rede é peixe?** EDUMEDIA – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Braga, Universidade do Minho, 2011.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, V. L. C.; SANTOS, J. E. As redes sociais e digitais e sua influência na sociedade e na educação contemporâneas. **Holos**, Natal, v. 6, n. 30, p. 307-328, 2014.

SILVA, D. R. et al. **Redes sociais e relacionamento interpessoal um estudo no âmbito universitário**. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 18., 2013, Bauru-SP. **Anais**. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-0579-1.pdf>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

SPIZZARRI, R. C. P. **O uso da internet na adolescência: aspectos relativos às relações familiares na pós-modernidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.